

# REBOBINE POR FAVOR! SER ALTERO? OU ESTAR ALTERO? A ALTERIDADE COMO PROCESSO CONSTITUINTE DO ETHOS HUMANUS

Fátima Medianeira Flores de Vargas<sup>1</sup>  
José Fabio Bentes Valente<sup>2</sup>

## Resumo

Hábitos de intolerância e do não reconhecimento das diferenças interpessoais, tem se amenizado no decorrer dos processos históricos, entretanto, atitudes de desrespeito e preconceito ainda coexistem, criando assim uma égide do “EU”, que está presente em todas as esferas, sejam elas religiosas, políticas, econômicas e culturais, sendo que esse diferencialismo está patente nesses contextos e que carecem ser pensado a partir de atos recíprocos de tolerância. Este artigo utiliza enquanto objeto de estudo a alteridade, suscitando como ferramenta preponderante no auxílio da resolução de inúmeros empasses que ocorrem socialmente e que caracterizam o individualismo e hedonismo. Afim de ter um esclarecimento da temática em voga, o presente artigo se utiliza dos pressupostos de Martin Buber, Emanuel Levinas, Alan Touraine, Gilles Lipovetsk, entre outros.

**Palavras-chave:** Intolerância; Diferencialismo; Tolerância; Alteridade.

## Abstract

Habits of intolerance and non-recognition of interpersonal differences, have been softened in the course of historical processes, however, attitudes of disrespect and prejudice still coexist, thus creating an aegis of the "I", which is present in all spheres, be they religious, political, economic and cultural, and this differentialism is evident in these contexts and that need to be thought from reciprocal acts of tolerance. This article uses otherness as an object of study, provoking as a preponderant tool to help solve the numerous socially occurring empasses that characterize individualism and hedonism. In order to clarify the theme in vogue, this article uses the assumptions of Martin Buber, Emanuel Levinas, Alan Touraine, Gilles Lipovetsk, among others.

**Keywords:** Intolerance, Differentialism, Tolerance, Otherness

## Introdução

Na contemporaneidade o homem cada vez mais desenvolve a característica do individualismo, hedonismo e etnocêntrismo, cuja percepção de mundo que o cerca, torna-

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Amazonas, Especialista em Assessoria de Comunicação e Mídias Digitais. Teóloga e Jornalista pela Faculdade Boas Novas. E-mail: fati.jornalista@gmail.com

<sup>2</sup> Graduado em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas, Mestrando em Ciências de Religião pela Faculdade Unida do Espírito Santo e Pós-graduando em Docência do Ensino Superior pela uniasselvi. E-mail: fbarmas@gmail.com.

o resultado cabal desse produto, seja pelas esferas religiosas, políticas, econômicas e culturais. Criando assim, certa resistência com relação aqueles que não se constituem enquanto indivíduo e que ao mesmo tempo não compartilham os mesmos contexto, ou as mesmas linhas de pensamentos. Surgindo atos de intolerâncias e do não reconhecimento das diferenças que cada pessoa possui, cuja práxis dessas diferenças e a essência que forma o axioma do *ethos humanus*.

Para Touraine, esse individualismo chega a ser exacerbado nessa sociedade, cujos valores universais são questionados em relevância ao bem-estar individual, criando dessa forma, uma tensão entre os diversos setores da sociedade, seja pelo meio individual e coletivo, público e o privado, gerando um diferencialismo bem patente no contexto social, que precisa ser combatido com atos recíprocos de entendimento da causa alheia<sup>3</sup>

Nesse mesmo propósito estabelecido por Touraine, surge o pressuposto de Buber, que propõe uma tese chamada de “filosofia do diálogo, ou filosofia de vida”<sup>4</sup>, ao qual apresenta uma relação intrínseca entre a ontologia do homem como sendo dialógica, ou seja, ao qual o homem em sua essência é um ser de relacionamentos, que deve ser de mútua interação uns para com os outros, cuja bases devem ser compostas de termos como: reciprocidade, subjetividade, pessoa, responsabilidade e de relação inter-humana.

Convém ressaltar que ser altero, seguindo as propostas estabelecidos pelos autores acima, coaduna com a ideia de Kant, no que tange ao campo ético do ser, que o indivíduo deve agir com a máxima de que sua vontade seja sempre válida, ou seja, o prelúdio deve ser o eu, ao qual a esse ideal acaba formando a forma do outro, ou seja, esses categóricos estabelecidos, acabam assim definindo as condutas de cada indivíduo.<sup>5</sup>

Logo, as proposições apresentadas neste artigo têm por objetivos esclarecer certos paradoxos, bem como, silogismos que o indivíduo possui em seu *ethos humanus*, no que tange o mesmo ser altero, em seu meio de vida, ao qual delineamos em temas como: conceito e compreensão de alteridade, a percepção de outros teóricos como ser altero e como portador de certa alteridade como práxis de vida.

---

<sup>3</sup> Cf. TOURAINE, Alain. A crítica da Modernidade. 8. ed. São Paulo: Vozes, 2007, p. 309.

<sup>4</sup> Buber ao suscitar essa “filosofia do diálogo ou da vida”, a mesma deve ser entendida como sendo uma tese que não pode estar no campo metafísico, ou seja, das teorias, que fica apenas do idealismo, mais a mesma deve estar no campo físico, da *práxis*, ou seja, da ação como meio de vida. Consultar em: BUBER, Martin. Eu e Tu. 10. ed. São Paulo: Editora Centauro, 2009, p.60-61.

<sup>5</sup> Kant ao estabelecer esses imperativos categóricos do eu para os outros, diz: “Age somente segundo uma tal, que possas querer ao mesmo tempo que se torne lei universal”. Esse aforismo Kantiano entende-se que os indivíduos são estritamente utilitaristas no seu modo de viver para com os outros. KANT, Immanuel. Fundamentos da metafísica dos costumes. São Paulo; Edições 70, 2007, p. 70-79.

## 1 Conceitos e afins

Ao se conceituar alteridade, sua raiz semântica segundo Abbagnano vem de origem grega (*Exerott*) e da palavra em latim *alteritas*, que significa, ser outro, colocar-se ou constitui-se como outro,<sup>6</sup> ao qual surge várias óticas baseados na raiz etimológica do conceito alteridade, seja pela ótica antropológica, sociológica, filosófica entre outras ciências humanas.

Pelo viés antropológico segundo Laplantine, alteridade está relacionada com o indivíduo possuir uma experiência de sua própria cultura que deve passar pelo conhecimento das outras culturas, cujo cerne desse entendimento está em reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras,<sup>7</sup> ou seja, fazendo uma verdadeira paralaxe,<sup>8</sup> do eu com o entendimento do outro.

No ranço filosófico pode-se destacar a proposição hegeliana sobre alteridade ao qual é correlacionado a reflexão, ao qual Hegel diz que o ser imediato (Homem), a sua essência não deve ser mais o mesmo, mas esse ser deve possuir mediação que nega a si mesmo, e por isso estão em relação com algo do outro<sup>9</sup>, sendo interessante frisar que esse ideal hegeliano coaduna com o cerne da palavra a alteridade, sendo entendido como a quebra de alguns dogmas estabelecidos, ao qual procura entender convicções e ideologias de outrem.

Nesse *ínterim* filosófico surge ainda o modelo Kantiano corroborado com a ética, seguindo a premissa de que, nós devemos agir de um modo tal que nossa vontade seja sempre válida, cuja mola propulsora segue um adágio do “Eu”, seguindo um princípio utilitarista que delinea como o outro deve se formar.<sup>10</sup>

Utilizando desse modelo Kantiano no que tange ao conceito de alteridade, surge o ideal Leviniano, que afirma:

---

<sup>6</sup> Cf. NICOLA, Abbagnano. Dicionário de Filosofia. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.34.

<sup>7</sup> Cf. LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 13-15.

<sup>8</sup> Paralaxe se entende como um aparente deslocamento de um objeto observado que é causado por uma mudança no posicionamento do observador, ou seja, em que no caso esse termo se adequa com a definição de alteridade, uma vez que deve existir uma visão pluralizada de um determinado objeto no contexto deste mundo cosmopolitano. Para mais informações consultar em: NICOLA, 2007, p.743.

<sup>9</sup> Hegel estabelece uma visão triádica de reflexão: Reflexão ponente, reflexão exterior e reflexão determinante, que fazendo uma breve síntese destas proposições, apresentam uma forma lógica do pensar de tal maneira haja uma dupla correspondência entre o eu (ser) e o outro. Para mais informações consultar em: HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Enciclopédia de las ciencias filosóficas em compendio. Madrid: Alianza editorial, 2005, p. 186-208.

<sup>10</sup> Cf. KANT, 2007. p. 75.

O Eu não é uma formação contingente graças à qual o Mesmo e o Outro, determinações lógicas do ser, podem além disso refletir-se num pensamento. É para que a alteridade se produza no ser que é necessário um “pensamento” e que é preciso um Eu. A irreversibilidade da relação só pode produzir-se se a relação se completar, por um dos termos da relação [...], a alteridade só é possível a partir do mim.<sup>11</sup>

A proposição acima interpelada por Lévinas, por mais que parece um certo tautonismo, da compreensão do que vem ser alteridade, esse autor acaba ratificando o que outros autores acima citados propõem em seus discursos, que é justamente o indivíduo buscar a compreensão do outro. Partindo de um prelúdio de entendimento de si mesmo, indo em direção ao Outro, saindo de uma ontologia meramente individualista, que acaba tomando rumos e princípios éticos mais altruístas.

É interessante destacar que tal modalidade da compreensão do conceito de alteridade, seu caráter é estritamente racional que seguirá uma concepção *a posteriori* ou seja, depois da experiência vivida e *a priori*, fatos e atos antes da experiência vivida, cuja essas duas formas diádicas, compilará na origem do termo “Nós”, ao qual tal forma de pensar é essencial em uma sociedade pluralizada para se ter um melhor entendimento em relação aos outros.

Pode-se citar ainda o modelo Rawlsiano de alteridade, ligado ao campo jurídico, ao qual através de sua justiça com equidade, estabelece um modelo isonômico de preocupação igualitária, que busca a remediação de desigualdades sociais, características bem plausíveis nas sociedades contemporâneas,<sup>12</sup> ao qual, Rawls nesse seu modelo de uma justiça social, estabelece um modelo de uma sociedade igualitária, cuja visão de mundo está em compreender o outro.

No campo da religião, possuir alteridade esbarra em alguns pormenores, como a dogmatização exacerbada de certas crenças que formam seu *axis mundi*,<sup>13</sup> acabando por criar uma certa intolerância e da não compreensão da forma de agir e pensar do outro.

---

<sup>11</sup> Cf. LEVINAS, Emmanuel. Totalidade e Infinito. Lisboa: Edições 70, 2008, p. 27.

<sup>12</sup> A proposta da teoria de John Rawls divide-se em três partes: 1. Garantia das liberdades fundamentais para todos; 2. Igualdade equitativa de oportunidades; 3. Manutenção de desigualdades apenas para favorecer os mais desfavorecidos, sendo interessante destacar que o pressuposto Rawlsiano e chamado de justiça social, que contraria o utilitarismo, ideologia dominante por mais de dois séculos, que preconiza o bem-estar do conjunto social com sacrifícios de alguns, ou seja, acabando assim influenciar o individualismo. Consultar em: PEGARO, Olinto. Ética dos maiores mestres através da história. 3º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 123-135.

<sup>13</sup> *Axis mundi*, termo em latim que significa centro de mundo, ao qual Mircea Eliade, em sua, *opus domus*, “O sagrado e o profano”, de maneira concisa e expositiva, explica que no centro do mundo da vida religiosa é necessário a correlação entre o sagrado e profano, que formam as bases axiomáticas do mundo religioso. Para mais informações consultar em: ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Quanto a esse discurso de intolerância religiosa e da falta de alteridade, Alves afirma que “cada corpo é o centro de mundo”,<sup>14</sup> ao qual, utilizando da metáfora da mosca e do ouriço do mar, esse autor diz que no mundo da mosca e do ouriço, todas as coisas são feitas a imagem destes seres, logo assim a compressão de mundo destes somente vem sua ótica e seu modo de vida.

Nota-se que essa metáfora acaba explicando como o discurso religioso está impregnado pela falta de compreensão com o outro, a linguagem religiosa também contribui para o pluralismo e relativismo, que na contemporaneidade é necessário que as religiões possuam em seu escopo cognitivo esse diálogo com o novo.

Sobre essa perspectiva religiosa, ser altero, ou possuir alteridade, vai além das expectativas das instituições religiosas, que por suas diretrizes acabam criando barreiras e certas cisões, que devem ser curadas com relações igualitárias e de comunhão, pois a proclamação desse diálogo garantirá elementos necessários para o devido reconhecimento do outro, bem como, com o respeito de suas diferenças, no contexto multipluralizado presents na contemporaneidade.

Esses pressupostos até aqui apresentados, mostram como a alteridade em sua essência está corroborada com a ideia de entender o outro, ao qual sabendo que o homem contemporâneo deve ser macrocósmico, ou seja, sua forma de cognição não está mais presa a uma localidade, ou uma só forma de pensar e agir, entretanto, o mesmo deve ser multiforme, devendo se relacionar com as diversas esferas do conhecimento, possuindo assim, em sua essência relações complexas, que formam esse grande mosaico humano.

## **2 Alteridade na Pós Modernidade**

O homem pós modernidade a cada dia se torna mais polissêmico, devido ao efeito da globalização mundial, em que Zygmunt Bauman chama de “mundo líquido”,<sup>15</sup> cujas formas da sociedade sejam culturais, políticas, econômica e até religiosas acabam se tornando liquefeitas e amorfas, em que o homem acaba criando uma “cultura neonarcísica”.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> ALVES, Rubem. Dogmatismo e Tolerância. São Paulo: Loyola, 2004, p. 87.

<sup>15</sup> Quanto a essa liquidez do *ethos humanus*, diz respeito a sociedade pós-moderna, que cada vez mais as relativizações de valores, sejam do campo metafísico e físico se torna amorfa e sem efeito. Para mais informações consultar em: BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. São Paulo: Zahar, 2001.

<sup>16</sup> O neonarcismo representa no contexto da pós modernidade um novo estágio de individualismo, que mostra um novo perfil de indivíduo nas suas relações consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com o tempo, no momento em que o capitalismo autoritário cede lugar a um capitalismo hedonista e permissivo,

Essa nova forma de percepção de mundo, ou seja, um novo “*ethos* de massa”<sup>17</sup> acaba por surgir, em que os indivíduos o “Eu” se torna a preocupação central desse novo modo de viver, em que o desejo e a satisfação funcionam como cerne desse ser psicossocial, que cada vez mais está com uma suspensão do olhar pelo outro. Ocorrendo assim, um tipo de erosão de alteridades, que fazem parte desse bojo sócio cultural na sociedade, como Lipovetsk afirma, que esta forma de visão de mundo acaba assim gerando o “desaparecimento do outro, em virtude do reconhecimento de si mesmo”.<sup>18</sup>

Destaca-se que esse novo ser, gerado pela sociedade, vem cada vez mais se tornando indiferente pelo outro, criando um certo etnocentrismo,<sup>19</sup> pelo seu modo de ser e viver, em que surge a ideologia de redução de pessoas (do outro), ao nada, cuja origem segundo Melo, se encontra no totalitarismo do início do século XX que através da sua “*Realpolitik*”, que resultaram em guerras, originando além de muitas mortes, perseguições políticas religiosas, que acabaram enclausurando o homem na completa falta de bom senso pelo outro.<sup>20</sup>

Quanto a essa falta de zelo pelo outro, na pós modernidade isso acaba se agravando quando o mundo fixou suas raízes basilares no capitalismo, em que sociedade começa uma busca incessante, pelo poder e por inovações tecnológicas que fazem com os indivíduos acabem enclausurados em si mesmo, buscando o poder e uma produção exacerbada de consumo que não mede consequências dos resultados a serem alcançados.

Um dos resultados desse modelo capitalista desse novo tipo de “Ser do homem” acaba se tornando bem patente na observação de Lévinas que diz, “ O estudo do homem imbricado numa civilização econômica, não se pode limitar a uma tomada de consciência: Sua morte, seu renascimento e sua transformação acontecem, doravante, longe de mesmo”<sup>21</sup>.

A proposição acima apresentada acaba suscitando um modelo de sociedade que até então pensa estar vivendo seu ápice, entretanto o que realmente vivencia, é estar cada

---

em que esse tipo de individualismo, puro se desenvolve, dos últimos valores sociais e morais que ainda coexistiam, criando assim uma espécie de narcisismo sob medida, derivado do cruzamento entre a lógica social do individualista hedonista e uma lógica terapêutica e psicológica. Para mais informações, ver em: LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio: Ensaio sobre individualismo contemporâneo. São Paulo: Manoele, 2005, p. 32.

<sup>17</sup> Cf. LIPOVETSKY, 2005, p. 37.

<sup>18</sup> Cf. LIPOVETSKY, 2005, p. 41.

<sup>19</sup> O etnocentrismo se refere a exclusão e extirpação sociocultural de determinado grupo étnico, por um grupo que se acha superior e mais importante aos demais povos. Cf. CHAUI, Marilena. Iniciação a filosofia. 2.ed. São Paulo: Ática, 2014, p. 316.

<sup>20</sup> Cf. MELO, Nélio Vieira de. A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas. Porto Alegre: Edipucrs, 2003, p.21.

<sup>21</sup> Cf. LEVINAS, Emmanuel. O Humanismo do Outro Homem. Rio de Janeiro: Vozes: 1993, p. 91.

vez mais se afundando em suas próprias mazelas, haja vista, que a mesma vive em ambiente ambíguo de “belas palavras, belas almas.”<sup>22</sup> Entretanto, sendo denunciado pelo âmbito de violência e opressão ao qual na prática acontece, não estando preocupado com a qualidade de vida do outro.

Nesse mundo estritamente “selvagem”,<sup>23</sup> surge assim, o ideal Leviniano de Alteridade, em que sua essência se relaciona com o conceito etimológico filosófico de Rosto, haja vista que para Levinas, essa parte do homem, é algo de extrema importância para a compreensão do outro, pois é nessa observação de encontro do “ente humano frente a outro ente humano”,<sup>24</sup> que surge uma consciência de se importar com outro, ou seja, é no Rosto que a manifestação do ser humano se expressa de várias formas, “o Rosto Fala”,<sup>25</sup> sendo que no período em voga aqui analisado, o ser humano, cada vez mais está menos preocupado com o “Rosto do próximo”, em virtude dos vieses econômicos e políticos estarem entronizados na sociedade, que criam ideais estritamente individualistas que não medem esforços para alcançar certos poderes.

Nesse interim pela busca exacerbada do alcance de poderes, Gomes afirma que nesse modelo de sociedade o ser humano contemporâneo, “se torna um sujeito frágil, subjugado pela sua própria criação, e que cada avanço científico-tecnológico, se torna cada vez mais dependente de sua produção”.<sup>26</sup> Tal ato acaba formando um homem fechado em si mesmo, utilizando de uma tática de impor sobre o outro, que visa um modelo de concorrência, cujo valor dos objetos está no cerne desse modelo de ser humano, que acaba dando mais valor, a criação material do que a criatura em si.

### **3 Alteridade como modo de retidão**

A Pós-modernidade em seus aspectos socioeconômicos tem contribuído para a construção de um indivíduo mais egocêntrico e menos altruísta, cuja ótica de mundo apresenta como prioridade suas causas particulares. O homem em si, é constitutivo de um paradoxo como escopo de seu ser, ou seja, possui dois vieses, um de desejos próprios

---

<sup>22</sup> Cf. LEVINAS, 2009, p. 92.

<sup>23</sup> O termo selvagem está relacionado com o “capitalismo selvagem” que Karl Max em sua, *opus domus*, o Capital, suscita toda a representatividade, bem como a sistematicidade que esse sistema estava operando em seu tempo. Para mais informações consultar: MARX, Karl. O capital. Tomo I. São Paulo: Boitempo, 2013.

<sup>24</sup> Cf. COSTA, Márcio Luís. Lévinas uma Introdução. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 26.

<sup>25</sup> Cf. LEVINAS, 2009, p. 51.

<sup>26</sup> Cf. GOMES, Carla Silene. Lévinas e o Outro: Ética da alteridade como fundamento da justiça. Rio de Janeiro: 2008, 91 p. Dissertação de Mestrado. Pontifícia universidade Católica do Rio de Janeiro, p. 25.

e pessoais, mais que depende dos outros, surgindo uma interdependência dos outros, criando em certo sentido, um grau de consciência em relação a alteridade (o desejo do outro) e de proposta explícita no que Haddock diz, “A alteridade não é uma qualidade do outro, é sua realidade, sua instância, a verdade do seu ser e, por isso, para nós, torna-se muito fácil uma coletividade e uma camaradagem”.<sup>27</sup>

Entretanto tal camaradagem nessa sociedade capitalista, esta coadunada com o grau de consciência que existe em cada indivíduo em relação a alteridade, sendo o que se tem não é um amadurecimento de um ideal de coabitação com as diferenças que existem na sociedade, surgindo um *ethos* de vida, da não vivência do “Eu e Tu” em sua essência.

Esse adágio do “Eu e o Tu”, e de suma importância, pois ontologicamente se exprime em uma cosmovisão de mundo cujos princípios éticos se firmam em uma relação de reciprocidade, ou seja, uma dialogicidade entre indivíduos, surgindo como Buber diz, “uma ontologia do homem que se contemplada face a face”.<sup>28</sup> Esse viés Buberiano no que tange ao diálogo, o relacionamento entre as pessoas deve ser de reciprocidade, ou seja, “face a face”, cujas premissas dessas bases axiomáticas, se concentram na *práxis*, como modo vida, ao qual não fica apenas em ideologias, mas não ação atitudes das pessoas.

No que tange a essas atitudes, seu escopo deve esta arrigado de tarefas simples do cotidiano, como por exemplo as conversas banais do dia a dia, cujos atos, como Lévinas enfatiz “não perdem a univocidade do ser”,<sup>29</sup> ou seja, por mais que sejamos indivíduos com características diferentes seja, cultural, social, econômica ou religiosa, mais que no fundo acabamos se tornando mais homogêneos, e quebra-se paradigmas pré-estabelecidos, quando se tem esse habito de se relacionar uns com os outros.

Essa socialização é essencial para compreender o outro, pois a sensibilidade se tornará parte da vida, desse grande mosaico que é o homem, que o faz ficar vulnerável diante de outras pessoas, no que diz respeito a possuir uma maior preocupação com o outro, corroborando para uma sociedade com uma melhor expectativa para se viver, cujas diretrizes surgem valores altruístas e menos individualistas, surgindo como Lévinas diz, “uma epifania do outro”.<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> Cf. HADDOCK, Rafael Lobo. Da Existência ao Infinito: Ensaio sobre Emmanuel Lévinas. São Paulo: Loyola, 2006, p. 48.

<sup>28</sup> Cf. BUBER, 2009, p. 61.

<sup>29</sup> Cf. LÉVINAS, 2009, p. 40.

<sup>30</sup> Cf. LEVINAS, 2009, p. 46.

#### 4 Alteridade sinônimo de tolerância

Ao se coadunar a alteridade com a tolerância, tem-se o entendimento que é preciso que o homem cada vez mais valorize a dignidade humana por um modelo educacional que haja essa construção de valores, em que Moraes diz, “Preparar um indivíduo para ser contemporâneo de si mesmo [...] significa prepará-lo para compreender que, acima do individual, deverá prevalecer o coletivo”.<sup>31</sup>

E interessante destacar na citação acima o termo coletividade, corrobora com todos os pressupostos citados neste artigo, no que tange esse laço de unidade fraternal entre indivíduos, pois acaba surgindo um maior laço de dignidade entre as pessoas, cujos valores heterógenos individuais acabam sendo respeitados.

É preciso, entretanto que nessa tolerância mútua, haja um consenso maior por conta de todos, pois o “Eu” cada vez mais se destaca na sociedade, e o que se cogita são inúmeros casos de intolerância ao longo do dia a dia. No âmbito filosófico a hermenêutica do aforismo “*cogito ergo sum*”, penso logo existo, instituído por Blaise Pascal, em meados do século XVI, a premissa do “Eu” é vista como uma coisa que pensa, e o “Outro” é apenas como um mero coadjuvante, que se torna efeito de meu próprio pensamento.

Tal proposição acima descrita, o outro é como uma representação e não como uma diferença, pois é essencial que se tenha esse entendimento, haja vista que são as diferenças e que fazem parte do *ethos humanus*, nessa sociedade cada vez mais plural, pois são essas relações de construções de identidades que se cria o respeito, e a compreensão de outras matrizes visionais, que forma todo o contexto da sociedade.

Nesse interim ser tolerante acaba se coadunando com a questão do aprender, pois segundo Deleuze, que diz, “Aprender e penetrar no universal das relações que constituem a ideia e nas singularidades”,<sup>32</sup> ou seja, a proposição citada, se entende que o aprender na verdade está coligado ao sentir, pois e nessa relação íntima de sentidos que a alteridade deve ser compreendida e aprendida, pois o ser altero, e na verdade em muitos casos sentir o que o outro senti, compreender o que outro faz, para assim se poder chegar o que realmente e ser altero.

---

<sup>31</sup> Cf. MORAES, Maria Cândida. O Paradigma Educacional Emergente. 5. Ed. Campinas: Papirus, 2000, p. 225.

<sup>32</sup> Cf. DELEUZE, Gilles. Diferença e Repetição. 2.ed. São Paulo: Graal, 2006, p. 237.

Ora tal particularidade no que tange essa forma de aprender a ser altero, ou seja, o cuidar do outro, fará com que a “cultura de si”,<sup>33</sup> se origine uma “cultura do outro”, grifo nosso, em que a sociedade em geral deve possuir em sua máxima de vida, a fim de se chegar ao respeito mútuo, originando uma sociedade mais justa, cujos princípios éticos criam condições para esse bem comum entre os indivíduos, por mais que cada um tenha suas próprias convicções, tais oportunidades nessa cultura do outro, as relações entre as pessoas se tornará mais justas e solidarias, em que o preconceito será mais combatido por cada indivíduo.

Notasse que para essa sociedade da cultura do outro, se concretize, por mais que parece utópico, algo abstrato ou metafísico, muito se depende da tentativa de trazer a ética como cerne de referências para as relações sociais, que ao longo deste artigo está se suscitando. Do ponto de vista da ética, tal atributo e de suma importância, pois, está presente em todas as áreas da sociedade, e na vida das pessoas, embora se pareça um certo tautonismo no que se refere a construção de uma sociedade mais fraterna, a ética aliançada com a alteridade, se torna uma das molas propulsoras para solucionar muitas das intolerâncias que se tem na sociedade.

## **5 Da qualidade para a quantidade**

Todos os postulados até aqui suscitados ao se estabelecer uma certa congruência de suas ideias, pode-se chegar a um denominador comum de que ao se seguir uma vida de alteridade hodierna, toda a sociedade como um todo estabelecerá padrões mais qualitativos em seu modo de vida social, principalmente para com aqueles que se encontram a margem da sociedade, sejam por padrões étnicos, econômicos, culturais e religiosos.

Assim, a qualidade deste novo modo de vida se tornara quantidade, pois como um movimento centrífugo, ou seja, que parte de dentro da fora, assim a prática de preocupação, responsabilidade e sensibilidade com o próximo, se fará mais constante,

---

<sup>33</sup> Quanto essa cultura de si, Foucault diz que essa cultura cria um princípio que adquiriu um alcance geral, em que tomou forma e atitude, de uma maneira de se comportar, em que se moldou novas formas de viver, ao qual foram desenvolvidos procedimentos e práticas de relações interindividuais, a troca de comunicações e até mesmo a instituições. Cf. FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade III: O cuidado de si. 9. ed. São Paulo: Graal, 2007, p. 50.

mesmo que cada indivíduo possua suas diferenças, em diversos âmbitos de modo geral, o “ser altero”<sup>34</sup>, fará parte como modo de vida.

Entretanto, para que esse *habitus* de vida se faça presente, e necessário que haja o reconhecimento da alteridade de um modo construtivo nos diversos setores da sociedade sejam, escolares, familiares, e religiosos, ao qual no que tange ao setor educacional, e nas escolas que tem que haver cada vez mais a necessidade de temas a serem abordados com o multiculturalismo, para assim haver a devida aprendizagem desse mundo plural para cada indivíduo, em que se construirá a cidadania e valorização da dignidade humana.

E interessante destacar que quanto a essa cidadania de outridade,<sup>35</sup> Moraes diz :

Comunicar e dialogar num mundo mais interativo e interdependente utilizando os instrumentos da cultura. [...], requer também o desenvolvimento de uma consciência de fraternidade, de solidariedade e compreensão de que a evolução é individual e ao mesmo tempo coletiva. Educar para a cidadania global requer a compreensão da multiculturalidade, o reconhecimento da interdependência com o meio ambiente.<sup>36</sup>

Nota-se que o pressuposto citado acima, cabe aqui destacar que somente essa educação de respeito, fraternidade e consciência, ensinado nos espaços escolares, haverá um maior entendimento, bem como reconfigurações de valores e de relações humanas, afim de estabelecer etapas de cooperação de um maior diálogo com outro, ou seja, são nesses ambientes que surge cosmovisões de ver o outro como sujeito e não apenas com um olhar de discriminação ou indiferença.

A família também tem seu papel importante nessa práxis á alteridade, ao qual cabe primeiramente destacar que a mesma possui uma função importantíssima na formação do sujeito contemporâneo como o tal, mesmo tendo o devido entendimento que para essa formação agregam-se fatores sociais, históricos psicológicos e até biológicos, ou seja, como diz Roudinesco: “não basta definir a família de um simples ponto de vista antropológico, é preciso também saber qual a sua história e como se deram as mudanças”.<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> O ser altero diz respeito a questão habitual do indivíduo de ter a preocupação, bem como de consciência, com o próximo, e não apenas de se preocupar momentaneamente, no caso o “Estar Altero”, segue princípios estereotipados e muitos casos, apenas como aparência, em que nesse último caso segue a proposta de Deleuze, em que ao se referir sobre o conceito de diferença, apresenta uma proposta de melhor compreensão de alteridade. Para mais informações consultar: DELEUZE, 2006, p. 33.

<sup>35</sup> Outridade mesmo seu uso não ser tão hodierno, diz respeito a mesma conceituação que alteridade. Cf. BARSÁ, Nova Enciclopédia Britânica. Barsa Dicionário Eletrônico. São Paulo: Encyclopedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 2006.

<sup>36</sup> Cf. MORAES, 2000, p. 225.

<sup>37</sup> Cf. ROUDINESCO, Elizabeth. A Família em Desordem. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 17.

Nesse *interim* a família surge como uma das molas propulsoras a ser uma das responsáveis pela formação de pessoas mais altruístas e de maior senso de preocupação com o outro <sup>38</sup>, pois são nos seios familiares que esses valores são criados e acabam refletindo na vida das pessoas e como será seu trato para com os outros.

A religião também exerce sua função primordial em respeito ao indivíduo ser altero, pois serve como um elo de comunicabilidade do homem, que de maneira própria usa seus símbolos, mitos, ritos e doutrinas, cujo um dos seus *motes* na contemporaneidade leva as pessoas a uma formação identitárias e de um constituinte de relações cuja a absorção está bem presente no contexto atual.

Quanto a alteridade a mesma pode-se coadunadar com a religião no que tange sua espiritualidade, em que Boff afirma que “a espiritualidade significa viver segundo o espírito ao sabor da dinâmica da vida”, <sup>39</sup> ao qual seguindo essa perspectiva o cerne dessa comunicação, ou seja, a linguagem habitualmente utilizada, neste ambiente vem ser a relação que se cria com outro através do sagrado, “cuja sentido do mito, vem ser a maior fonte de comunicabilidade que a religião possui”.<sup>40</sup>

Nesse sentido acaba se estabelecendo um elo de ligação não só do homem para com o ser divino, mais de laços mais altruístas com o próximo e com o todo que o cerca, se firmando assim uma espécie de relacionamento holístico,<sup>41</sup> que a religião pode desencadear em seus espaços esse tipo de outridade, cuja representatividade se faz presente na vida hodierna das pessoas e regras que nortearão a sociedade.

## **Considerações Finais**

As abordagens aqui estabelecida procuraram suscitar a alteridade como modo do processo constituinte do *ethos humanus*, mostrando no presente artigo postulados de

---

<sup>38</sup> Ao referir-se sobre esse papel familiar de alteridade com o próximo, cabe aqui destacar que se considera essencial que a constituição de valores, cuja gênese psíquica do sujeito em si, ocorre primariamente nas relações familiares, ao qual e de suma importância que certos valores altruístas não percam sua importância. Entretanto na atualidade com avanço tecnológico como a internet, e outras tecnologias, a função parental de certos ensinamentos como a responsabilidade, consciência, entre outros valores que são aprendidos entre o contato com as outras pessoas, são substituídos por relações virtuais. Para mais informações sobre essa temática consultar em: WINNICOTT, Donald Wood. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

<sup>39</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 216.

<sup>40</sup> Cf. CROATTO, Severino. *As Linguagens da experiência religiosa: Uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 28.

<sup>41</sup> Quanto a essa forma de relacionamento holístico, cabe aqui suscitar que tal hipótese segue uma proposta que vai de confronto em muito de seus dogmas criados em seus espaços, que de forma tácita, vem dirimindo muitos paradigmas criados nos contextos religiosos.

diferentes áreas das ciências humanas, que no cerne de suas teses no que tange o indivíduo ser altero, procuraram despertar, orientar e dar sustentação a um processo de amadurecimento e reflexão crítica que torne os cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, que coaduna em uma maior preocupação com outro.

Neste sentido não há como uma sociedade viver em harmonia se não houver mais fraternidade entre as pessoas, que está corroborada com esse sentimento do que representa o outro para cada indivíduo, uma vez que, este mundo cada vez mais se torna individualista, cujas cosmovisões são estritamente ligadas a competitividade, que acaba criando em certo sentido ambientes intolerantes e do não reconhecimento das diferenças que fazem parte de todas as sociedades como um todo.

Logo o indivíduo precisa ter em sua consciência que para se possuir uma verdadeira identidade é preciso que sua construção identitária, possua o devido entendimento que “não há como viver sem o outro”, para a origem de um mundo melhor, ao qual o cerne dessa sociedade perene, terá como lema a ética voltada para as práticas sociais, mesma que pareça meio utópico tal objetivo. No contexto atual, se apresenta como urgente uma revisão de cada pessoa “ser altera e não apenas está altera”, pois o ser altero representa um hábito e não apenas um ato, como na segunda proposição, e tais hábitos refletiram em uma sociedade cada vez mais altruísta, cujos objetivos estará em se preocupar mais com outro.

## **Referências**

ALVES, Rubem. Dogmatismo e Tolerância. São Paulo: Loyola, 2004.

BARSA, Nova Enciclopédia Britânica. Barsa Dicionário Eletrônico. São Paulo: Encyclopedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. São Paulo: Zahar, 2001.

BOOF, Leonardo. Ecologia, mundialização, espiritualidade. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BUBER, Martin. Eu e Tu. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2009.

COSTA, Márcio Luís. Lévinas uma Introdução. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CHAUI, Marilena. Iniciação a filosofia. 2.ed. São Paulo: Ática, 2014.

CROATTO, Severino. As Linguagens da experiência religiosa: Uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 1994.

DELEUZE, Gilles. Diferença e Repetição. 2.ed. São Paulo: Graal, 2006.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade III: O cuidado de si. 9. ed. São Paulo: Graal, 2007.

GOMES, Carla Silene. Lévinas e o Outro: Ética da alteridade como fundamento da justiça. Rio de Janeiro: 2008, 91 p. Dissertação de Mestrado. Pontifícia universidade Católica do Rio de Janeiro.

HADDOCK, Rafael Lobo. Da Existência ao Infinito: Ensaio sobre Emmanuel Lévinas. São Paulo: Loyola, 2006.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Enciclopedia de las ciências filosóficas em compendio. Madrid: Alianza editorial, 2005.

KANT, Immanuel. Fundamentos da metafísica dos costumes. São Paulo: Edições 70, 2007.

LEVINAS, Emmanuel. O Humanismo do Outro Homem. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manoele, 2005.

LEVINAS, Emmanuel. Totalidade e infinito. Lisboa: Edições 70, 2008.

MARX, Karl. O capital. Tomo I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MELO, Nélio Vieira de. A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

MORAES, Maria Cândida. O Paradigma Educacional Emergente. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

NICOLA, Abbagnano. Dicionário de Filosofia. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PEGARO, Olinto. Ética dos maiores mestres através da história. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

ROUDINESCO, Elizabeth. A Família em Desordem. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

TOURAINÉ, Alain. A crítica da modernidade. 8. ed. São Paulo: Vozes, 2007.

WINNICOTT, Donald Wood. A Família e o Desenvolvimento Individual. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.